

Bullying*: a realidade dolorida de um fenômeno sem distinção de gêneros

Tânia Lúcia Nunes do Nascimento

89

Resumo

Da forma velada de violência entre os muros da escola às muitas exposições na rede global da Internet, o *bullying* tem afetado cada vez mais crianças e jovens de todo o mundo, sem distinção de raça, gênero, condição social ou características pessoais. O presente artigo tem como objetivo discutir, de maneira contestatória, a falácia popular de que o *bullying* é uma ação predominantemente “de meninos”. Considerando a análise de questionários aplicados durante a coleta de dados que subsidiou a pesquisa, foi possível constatar que não há predominância de gêneros nessa prática, mas sim uma distinção entre as formas como essa ação se manifesta em meninos e meninas, e também na forma como eles reagem ante investidas agressivas.

Palavras-chave: *bullying*; jovens; gênero.

* Artigo produzido com base na pesquisa realizada para a dissertação de mestrado *Por detrás dos vídeos: um olhar reflexivo sobre o bullying*, defendida na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (Unb), em 2013.

Abstract

Bullying: the painful reality of a phenomenon without distinction of genders

From a veiled form of violence among the school walls to the many forms of its occurrence in the global network of the internet, bullying has increasingly affected children and young people around the world, without distinction of race, gender, social status or personal characteristics. This paper has the purpose of discussing, in a controversial way, the popular fallacy that bullying is an action executed predominantly by "boys". Considering the data obtained by the application of questionnaires as a fundament for the research, it was possible to verify that there is no predominance of genres in this practice, but a distinction between the ways by which boys and girls execute this kind of practice, as well as how they react against the aggressive assaults.

Keywords: bullying; youth; gender.

Pode-se afirmar que a escola é um espaço propício tanto para difusão de conhecimentos como para o estabelecimento de convivência e socialização. Para Luciene Tognetta *et al.* (2010, p. 11-12), é "no ambiente escolar que muitas relações são estabelecidas, dentro dele há um campo de possibilidades para promoção de relações éticas visto que as crianças convivem diariamente com outros tão iguais [...] e também tão diferentes". Muito se aprende dessa convivência. De alegrias a desgostos, tudo pode ser experimentado nesse espaço cerceado e abrigado não só por regras, mas também por afetividade e diversidade.

É comum que nesse universo, longe da presença dos pais, as crianças se vejam detentoras de poderes de reprodução ou libertação de ensinamentos e atitudes familiares. Algumas refletem ali o respeito, a tolerância e a aceitação, já outras implantam posturas opostas, tiranas, agressivas e intolerantes.

Geralmente veladas, as ações de afronta de estudantes valentões sobre os colegas passivos foram vistas, durante muito tempo, como meras e inofensivas brincadeiras de criança, coisa normal da idade pueril. Porém, a atenção despendida por pesquisadores da mente, a partir da década de 1970, mostrou que nem todas as brincadeiras entre "iguais" podem ser consideradas saudáveis. Algumas, além de cruéis e humilhantes, podem ser apontadas como causas de transtornos comportamentais futuros, que variam de fobia escolar a homicídio e suicídio. A essas brincadeiras desiguais em poder, foi dado o nome de *bullying*.

Por definição universal, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos

contra outros, causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*. (Fante, 2005, p. 28-29).

Cunhador do termo, o sueco Dan Olweus iniciou, há mais de três décadas, trabalhos de investigação e intervenção na área de intimidação e análise comportamental de agressores e vítimas de coações.

No Brasil, Cleo Fante tem sido nome de destaque na disseminação de informações acerca desse tipo de violência. Autora do programa *antibullying* “Educar para a Paz” e consultora da Plan Brasil, organização não governamental voltada para a defesa dos direitos da infância e sua proteção contra a violência e abusos de todo tipo, Fante tem desempenhado papel ativo ao lado de outros pesquisadores brasileiros, com quem compartilha o trabalho de pesquisa, divulgação, prevenção e combate a esse tipo de coação.

Por trazer consigo características próprias, fruto de pesquisas e delimitações universalmente trabalhadas, a terminologia *bullying* encontra-se hoje mundialmente conhecida, referenciando um tipo específico de violência entre pares. Na literatura esse termo aparece como derivação do adjetivo *bully*, que, de acordo com o *Cambridge Dictionary*, significa “alguém que machuca, que assusta”, ou seja, o valentão, o brigão, o assediador dos fracos. Como verbo, “*to bully*” quer dizer ameaçar, amedrontar, tiranizar, intimidar, maltratar.

Por se tratar de um tipo de violência que se manifesta por meio de agressões físicas, verbais, psicológicas, materiais, morais ou sexuais, a qual um estudante sofre de seus companheiros de escola e que se desenvolve na indiferença, podemos distinguir o *bullying* de uma simples brincadeira ou uma isolada ação violenta, reconhecendo como características que o identificam:

- intencionalidade de causar danos;
- persistência e continuidade das agressões contra o mesmo alvo;
- ausência de motivos que justifiquem os ataques;
- assimetria de poder entre as partes;
- prejuízos causados às vítimas.

Geralmente, quando se fala em agressão, ela é associada à violência física, à agressão corporal, que também é uma forma de manifestação do *bullying*, mas não é o único meio que o agressor utiliza para ferir suas vítimas. O *bullying* pode se expressar nas formas:

- Física, decorrente de chutes, tapas, cotoveladas, empurrões, beliscões, espancamento, cuspes, arremesso de objetos contra a vítima, enfim, toda investida agressiva que derive de um contato corpo a corpo.
- Verbal, quando o agressor insulta, ofende, xinga, humilha, ameaça, intimida, faz piadas ofensivas, coloca apelidos pejorativos ou ridiculariza o agredido diante de outros colegas.

- Material, acontece mediante roubo, furto, extorsão ou destruição dos pertences da vítima.
- Psicológica ou moral, quando o *bullie* – o agressor – irrita, exclui, isola, ignora, aterroriza, persegue, despreza ou faz pouco caso do outro, manipulando relacionamentos e destruindo reputações.
- Sexual, ocorre em situações de abuso, violência, assédio ou insinuações sexuais.
- Virtual, o chamado *ciberbullying*.

O *ciberbullying*, talvez a mais cruel das práticas do *bullying*, é uma das novidades que, com o advento da tecnologia, transformou os momentos de tortura e humilhação, que antes acometia as vítimas somente entre os muros escolares, em martírios infinitos, numa propagação de divulgação imensamente maior do que se possa imaginar. Antigamente, com o término das aulas, o sofrimento das vítimas obtinha tréguas. Hoje, com as humilhações correndo em redes sociais à velocidade da internet, ele as acompanha, em todo canto e em qualquer horário.

Em contrapartida ao *bullying*, que tem autores e responsáveis definidos, o *ciberbullying* pode ser feito anonimamente, o que inspira impunidade às pessoas que se acham valentes ao fazerem uso da tecnologia para intimidar e insultar alguém.

Personagens de um mesmo enredo

92

Em uma ocorrência de *bullying*, três personagens fazem-se presentes: vítimas, agressores e espectadores.

As vítimas muitas vezes se isolam em aparente frustração, fato que alimenta o poder do *bullie*, e se enfraquecem cada vez mais, incorporando uma ideia de fracasso que diminui, drasticamente, sua autoestima e sua motivação social. No livro *Bullying: mentes perigosas na escola*, Ana Beatriz Barbosa Silva (2010, p. 37-42) classifica as vítimas em:

Vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral são tímidas ou reservadas e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma marca que as destaca da maioria dos alunos [...] os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis [...]

Vítimas provocadoras são aquelas capazes de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesmas [... e]

Vítimas agressoras, que reproduzem os maus-tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, elas procuram outras vítimas ainda mais frágeis e vulneráveis e cometem contra estas todas as agressões sofridas.

Os agressores revelam, com sua conduta, total ausência de empatia, além de demonstrarem desrespeito e maldade, muitas vezes associados a um poder negativo de liderança. Dominantes e impulsivos, não seguem regras e apresentam baixa tolerância, boa autoestima, atitude positiva em relação à violência e ausência de

arrependimento por seus atos. O resultado do seu agir, geralmente, aumenta o *status* dos agressores dentro do grupo que os reforça.

Os espectadores, que tudo presenciam, mas não se manifestam, não contestam nem denunciam são tipificados em:

Espectadores passivos, [que] assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima [...].

Espectadores ativos, [são] alunos que, apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam apoio moral aos agressores, com risadas e palavras de incentivo [...], e

Espectadores neutros, que não demonstram sensibilidade pelas situações de *bullying* que presenciam [...] são acometidos por uma anestesia emocional, em função do próprio contexto no qual estão inseridos. (Silva, 2010, p. 45-46).

O *bullying* não é um acontecimento local, mas global, como uma epidemia que cresce e se espalha nos ambientes escolares,

[...] um tipo de vinculação interpessoal claramente perverso, em que uma pessoa é dominante e a outra é dominada; uma controla e a outra é controlada; uma exerce um poder tirano, enquanto a outra deve submeter-se a regras com as quais não concorda e que claramente a prejudicam. (Chalita, 2008, p. 108).

O determinante para que haja essa polaridade entre vítima e agressor pode variar conforme a personalidade, o temperamento e os fatores socioculturais dos envolvidos, fatores esses que somente um estudo de caso pode aprofundar. O fato é que, para que haja essa desigualdade de poder, é preciso que todos os personagens, presa e predador, assumam suas condições como via de mão única, sem volta, sem bifurcação. Perceber outra maneira de participar dessa constante seria alterar sua rotação, desfazer estereótipos e desmontar a prática com o que poderíamos chamar de reação, superação ou resistência.

Sobre as reações individuais das vítimas, Ana Beatriz Barbosa Silva (2010) relata que podem variar do desenvolvimento de sintomas psicossomáticos, como insônia, náuseas, tremores e alergias, ao desencadeamento de transtornos psicossomáticos, como fobia escolar, fobia social, transtorno do pânico, depressão, anorexia, bulimia, entre outros. Porém, alguns indivíduos, embora afetados pela ação do *bullie*, desenvolvem capacidade de resiliência, ou seja, de “transmutarem sofrimento, dor, rancor, mágoa ou raiva em aprendizagem” (p. 76). Esse foi o caso de alguns nomes conhecidos da mídia e citados por Silva (p. 91-106) como personagens que deram a volta por cima. Dentre eles, o nadador norte-americano Michael Phelps, o ator hollywoodiano Tom Cruise, a cantora *pop* Madonna e o ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton. Outros personagens menos conhecidos também se valeram dessa capacidade resiliente para construir substancialmente suas personalidades.

Todas as vítimas sofrem com os ataques de *bullying*, porém, as consequências desse tipo de violência são as mais variadas possíveis, dependendo muito de cada indivíduo, de sua estrutura, suas vivências, sua pré-disposição genética e da forma

e intensidade das agressões. Os problemas mais comuns, apontados por Silva (2010, p. 25-32), são:

- desinteresse pela escola;
- problemas psicossomáticos, como desconforto abdominal, taquicardia, suor, dor de cabeça, doenças autoimunes, insônia, falta de concentração;
- problemas psíquicos e comportamentais, como transtorno do pânico, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar (medo patológico de frequentar a escola), fobia social (timidez excessiva) e ansiedade generalizada.

O *bullying* também pode agravar problemas pré-existentes devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, decorrem quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

Muitas vezes, o agredido com ofensas, humilhações e injúrias encontra-se tão crente do que lhe é vociferado diariamente que acaba aprisionando-se em uma imagem de si mesmo moldada e absorvida pela força da palavra destrutiva alheia. A incapacidade que muitos agressores lhe atribuem em expressões ferinas acaba tomando-lhe as atitudes e a reação, acoplando-se ao seu eu, paralisando suas ações e fazendo a superação parecer algo distante de quem se vê acorrentado em abatimento e impotência.

***Bullying*: coisa de menino?**

Muitas afirmações, contestadas por pesquisadores do assunto, passaram a compor, nos últimos anos, a literatura acerca do *bullying*. Da pregação de que sua prática seja salutar para a formação do indivíduo até à veemência da crença de que podemos acabar com esse tipo de violência nas escolas, muitas ideias tidas como verdadeiras passaram a ser discutidas, contestadas e até repudiadas. Uma delas afirma que *bullying* é coisa de menino. Na realidade, não há distinção de gêneros nessa prática. Meninos ou meninas, todos estão sujeitos a esse tipo de agressão. O *bullying* entre meninos costuma ser mais visível, percebido, geralmente contando com agressões físicas e intimidações. Já entre as meninas, tudo é um pouco mais sutil, velado, porém não menos cruel, de modo que, por meio de olhares, comentários maldosos, exclusão e difamação, as vítimas sentem-se hostilizadas.

Durante pesquisa de campo envolvendo estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública do Distrito Federal, foi perguntado a 69 estudantes do sexo masculino e a 69 estudantes do sexo feminino se eles já haviam sofrido *bullying*. O resultado foi que 68% das meninas e 53% dos meninos afirmaram já terem sido vítimas dessa agressão.

As meninas, geralmente, atacam dentro de seu círculo de amizades, o que vela ainda mais a presença do comportamento agressivo entre elas.

As meninas usam a maledicência, a exclusão, a fofoca, apelidos maldosos e manipulações para infligir sofrimento psicológico nas vítimas [...] Para se esquivarem

da desaprovação social, as meninas se escondem sob uma fachada de doçura para se magoarem mutuamente em segredo. Elas passam olhares dissimulados e bilhetes, manipulam silenciosamente o tempo todo, encurralam-se nos corredores, dão as costas, cochicham e sorriem. Esses atos, cuja intenção é evitar serem desmascaradas e punidas, são epidêmicos em ambientes de classe média, em que as regras de feminilidade são mais rígidas. (Simmons, 2004, p. 11-33).

Comumente percebem-se, também, diferentes respostas dadas por meninos e por meninas ao sofrimento provocado por esse tipo de agressão. Muitas vezes internalizando os sentimentos negativos gerados pela rejeição, as meninas passam a agir de maneira solitária, tímida e insegura, tornando-se, assim, campos atrativos para aproximar distúrbios como bulimia, anorexia, automutilação ou depressão.

Já os meninos costumam encarar o sofrimento como brincadeira, “zoação”, em uma espécie de “rito de passagem” para o amadurecimento. Os que não apresentam essa visão, por vezes, desenvolvem desejo de revide, de vingança, de equiparação de sofrimento.

Dados do sítio Infoplease.com apontam que, dos 73 casos de tragédias causadas por armas de fogo, ocorridas entre fevereiro de 1996 e outubro de 2013, em escolas de todo o mundo, provocadas por estudantes (ou ex-estudantes) da instituição, a maioria foi cometida por jovens do sexo masculino, sendo apenas quatro casos atribuídos a jovens do sexo feminino.

Convém citar que, mesmo tendo sido vítimas de *bullying*, os responsáveis pelos massacres não apresentam, em suas ações, justificativas apenas de cunho vingativo. Seus comportamentos antissociais, a introspecção, o isolamento comum, a premeditação ao atentado, vários são os fatores que motivaram especialistas da mente a procurarem traçar um perfil psicológico dos assassinos, não descartando o fator *bullying*, mas somando a ele alguma psicopatia que os levassem a atos extremos como os cometidos.

Os criminosos são quase sempre jovens introvertidos com relações sociais bastante fracas que praticamente não veem nenhuma perspectiva para o futuro. [...] frequentemente adolescentes muito agressivos se negam a compartilhar seus pensamentos com psicólogos e raramente há como acompanhá-los depois do crime, já que a maioria comete suicídio. Portanto, para reconstruir suas fantasias destrutivas, os pesquisadores se apoiam em registros de diários, desenhos, redações ou outras formas criativas que esses jovens encontram para lidar com seu mundo interior. (Robertz, 2011, p. 47).

Tragédias como as ocorridas em Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, em 2011, ou na Columbine High School, no Estado do Colorado, nos Estados Unidos, em 1999, não se resumem a ações de psicopatas que dispararam dezenas de projéteis no ambiente escolar em que estudaram, matando e ferindo crianças por eles desconhecidas. Trata-se de acontecimentos que sacudiram a sociedade em suas falsas convicções. Aquelas balas cravejaram sonhos, existências e esperanças de quem idealizava a plenitude da vida, mas também estilhaçaram os telhados dos que, em suas aparentes fortalezas, achavam-se isolados, protegidos e cumpridores de suas obrigações.

É preciso não deixar cair no esquecimento essas manchas, esses alertas, essas sinalizações doloridas lançadas por pessoas perdidas em si e decididas a morrer, que, em manhãs cinzentas de tristes dias, deixaram-se despencar, esmagando a falsa pacificação e o descaso social de uma nação. É necessário não fazermos “vistas grossas” ao sofrimento de quem muitas vezes padece sob nosso olhar, sofrendo humilhações, agressões e desrespeito. Ignorar é ser tão cruel quanto quem desfere os golpes, é perceber o desespero alheio e simplesmente respirar aliviado pela ocorrência ter outro alvo, é fazer-se omissos em uma situação que afirma não lhe dizer respeito, quando, na verdade, se submete à cumplicidade de uma atitude que seu próprio eu condena. Não há mais espaços para o silêncio.

Vítimas, gênero e sensações

Ao questionar, em pesquisa de campo já mencionada, os estudantes que afirmaram ter sido vítimas de *bullying* sobre como se sentiram quando acometidos por essa violência, 71% das jovens se posicionaram, enquanto apenas 52% dos rapazes conseguiram expressar seus sentimentos. Em respostas diretas, meninos e meninas deixaram transparecer diversidade emotiva e reativa em suas explicações acerca dos efeitos desse tipo de violência:

No começo foi bem difícil, eu guardei a dor pra mim, não compartilhei com ninguém. (Estudante do sexo feminino, 15 anos).

Inferior, o bullying é algo muito grave que te faz sentir inferior, sem confiança em si mesma, com baixa autoestima e pensa coisas que realmente nunca pensaria... afastamento, tristeza, depressão. (Estudante do sexo feminino, 15 anos).

Não é legal, a gente se sente menos do que as outras pessoas. Em minha opinião, o bullying gera mais bullying, pois quando sofremos, procuramos defeitos em outras pessoas para desviar a atenção da gente. (Estudante do sexo feminino, 15 anos).

Senti-me indefesa, isolada, até que mudei de escola. (Estudante do sexo feminino, 16 anos).

Foram piadinhas sobre minha aparência, por eu ser “feia” e tímida. Me sentia muito triste e minha autoestima baixava cada vez mais por acreditar que eu era feia. (Estudante do sexo feminino, 16 anos).

Zombavam muito de mim, eu me sentia muito zangado e a maioria das vezes eu brigava. (Estudante do sexo masculino, 14 anos).

Levei na brincadeira. (Estudante do sexo masculino, 15 anos).

Eu fiquei magoado, não senti mais vontade de estudar e pensei muitas besteiras. (Estudante do sexo masculino, 16 anos).

Foi uma sensação horrível, mas nem ligo para essas pessoas. (Estudante do sexo masculino, 15 anos).

Me deu vontade de sair batendo em todo mundo e de matar um por um dos que fizeram isso. (Estudante do sexo masculino, 17 anos).

Menino ou menina, qualquer um pode ser vítima de *bullying*, assim como toda escola encontra-se sujeita a abrigar esse tipo de coação. Tipificações e sensibilizações distintas não diminuem a carga de decepção que pode gerar violência

em um ambiente tão necessário como o escolar. O fato é que o *bullying*, muito além de uma mera brincadeira repetitiva, é um tipo de tortura física e psicológica intermitente que uma criança passa nas mãos de seus colegas e que ninguém precisa e nem merece sofrer para fazer-se fortalecido e contrariado diante de agressões e maus-tratos. Perceber-se como ser social inserido em um mundo que deveria ser igualitário em seus poderes e solidário em suas ações é compreender e exigir que o Estado, como ordem jurídica soberana, cumpra seu dever de intervir em prol do bem comum, entendendo por bem comum o conjunto de todas as condições de vida social que assegurem e favoreçam o desenvolvimento integral da personalidade humana.

Crianças e jovens não são heróis. Seria insensibilidade cobrar-lhes atitudes fortes e decididas. A fragilidade de quem se encontra em fase de formação e de autoafirmação, quando confrontada com situações que lhe fogem ao controle, que lhe envergonham, que lhe dilaceram as esperanças, tende a desestruturar a pessoa, fazê-la desmoronar em incertezas e desesperar-se. É preciso amparo, orientação, assistência.

Não se podem desconsiderar as campanhas preventivas a esse tipo de violência, porém, é preciso revê-las em seus objetivos e intenções. Projetos temporais são passageiros, inserções de conhecimentos são ilusões. A participação de toda a comunidade escolar na elaboração de um projeto político-pedagógico de duração permanente é a chave para que todos participem, colaborem e entendam seus papéis nessa situação que, mais do que atuar no combate ao *bullying* e a violências em geral, deve girar em torno das conscientizações morais, de virtudes positivas que, independentemente da situação em que o estudante se encontre, na fase de vida em que for preciso saberá discernir situações, se posicionar de maneira consciente e resistir diante de suas incertezas de vida. Mais do que utopicamente disseminar a ideia de uma marcha *Stop Bullying*, é preciso plantar a ciência de um desejo particular de vencê-lo.

Almejar o fim do *bullying* é desejar o fim da violência, um sonho de vida, mas uma realidade longínqua em um mundo que desde sempre teve o poder e a força como molas propulsoras. No entanto, vencer seus medos, entender o poder de suas ideias e a força de suas ações é possível e necessário. Lutar pela vitória sobre esse mal, não somente contra o agressor desumano, mas acima disso, contra seus próprios medos e suas próprias incertezas, é o caminho para se desvencilhar de um padecimento aparentemente sem fim. A conquista da liberdade se dá internamente e, se entendido isso, tudo poderá ser enfrentado, não na força bruta, se igualando a quem se repudia, mas na sabedoria do entendimento da importância de sua direção, em um mundo de tortuosos caminhos. Não se trata apenas do martírio de alguns, mas acima disso, é uma luta de todos nós!

Referências bibliográficas

- CHALITA, Gabriel. *Pedagogia da amizade: bullying, o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Gente, 2008.
- FANTE, Cléo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Versus, 2005.
- FISHER, Rosa Maria (Coord.). *Bullying escolar no Brasil: relatório final*. São Paulo: Ceats, FIA, 2010. Disponível em: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Arquivos/pesquisa-bullying_escolar_no_brasil.pdf>. Acesso em: 10 set. 2012.
- INFOPLEASE. *Timeline of worldwide school shootings*. Boston, 2012. Disponível em: <www.infoplease.com/ipc/A0777958.html>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- NASCIMENTO, Tânia L. N. *Por detrás dos vídeos: um olhar reflexivo sobre o bullying*. 2013. 218 f. Dissertação (mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12882/3/2013_TaniaLuciaNunesNascimento.pdf>.
- OLWEUS, Dan. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell, 1993.
- OLWEUS, Dan. *Bullying prevention program*. Disponível em: <<http://www.clemson.edu/olweus/history.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2012.
- OLWEUS, Dan; LIMBER, S.; MIHALIC, S. *Book nine: bullying prevention program*. Boulder, CO: Venture Publishing, Golden, 1999.
- ROBERTZ, Frank J. Fantasias mortais. *Mente & Cérebro*, Pinheiros, v. 28, n. 221, 2011.
- SHARIFF, Shaheen. *Ciberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SIMMONS, Rachel. *Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- TOGNETTA, Luciene et al. *Um panorama geral da violência na escola e o que se faz para combatê-la*. São Paulo: Mercado Letras, 2010.

Tânia Lúcia Nunes do Nascimento, mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), é professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal desde 1991, tendo exercido, durante esses anos, atividades docentes na educação infantil, no ensino fundamental e médio e, administrativamente, em direção escolar.

tianialu@terra.com.br

Recebido em 3 de junho de 2014.
Aprovado em 30 de julho de 2014.